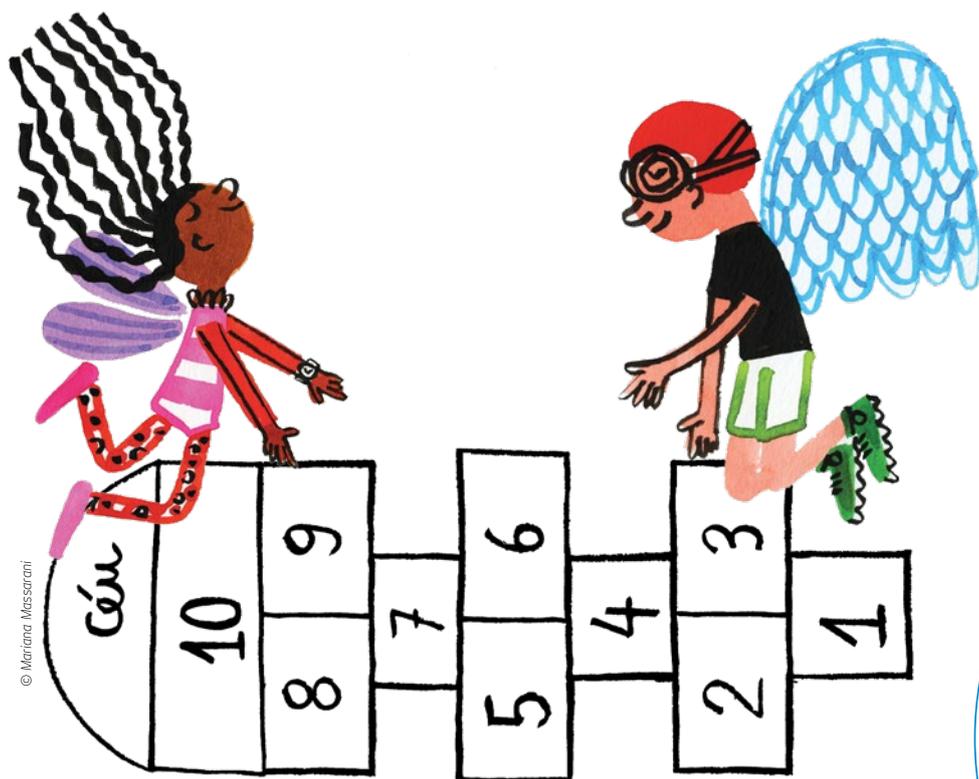


AMARELINHA E OUTROS POEMAS

Giba Pedroza

Resenha

Diz-se que quando morreu a vaca Vitória, acabou-se a história. A vaca Guiomar, por sua vez, só fazia gargalhar a cada vez que a narrativa terminava. Cada ruminante com a sua rima. Criar poemas é como saltar amarelinha: criamos sentidos inusitados jogando com versos e traços. Palavras, como nuvens, combinam-se para criar novas formas movendo-se ao fluxo do vento; não poucas vezes, nos assustam e amedrontam, causando medo ou paúra. Podem ser vociferadas pelos arautos, tomar a forma de decretos, amaciar sorrisos, hipnotizar através de histórias. “Do vilão malvado/ até a mais singela ovelha/ todo mundo queria ter a língua solta/ pra falar o que lhe der na telha”, diz o poeta. Verbos em sequência são como atalhos: levam humanos para jornadas longínquas, ao mesmo tempo em que dirigem nosso olhar para dentro.



Coordenação:
Maria José Nóbrega

Em uma obra repleta de leveza, Giba Pedroza explora o potencial da poesia para reinventar as palavras, trocá-las de lugar, explorando combinações inusitadas que emergem quando utilizamos os termos de modo não linear, privilegiando mais sua sonoridade e ritmo do que seu sentido. A expressão “gregos e troianos”, por exemplo, se transforma, em um dos poemas, em “gregos e pernambucanos”. Palavras das mais diversas, oriundas dos mais diferentes contextos, se reúnem e se recombinaem com leveza e de modo lúdico. Giba nos lembra que poesia, afinal, também é jogo. As ilustrações de Mariana Massarani, bem-humoradas, surgem em efusivos tons coloridos, trazendo ainda mais dinamismo a esse conjunto de poemas.



Depoimento

De Luciana Alvarez,
jornalista e mãe

Num mundo tão acelerado, que exige até das crianças uma pressa constante, nem sempre é fácil ler poesia. Poesia pede tempo para pensar e sentir as palavras. Fazia anos que eu não abria um livro de poesias, mas aceitei o desafio de ler com meus filhos. Mesmo eles, embora leiam poemas nos livros escolares, estão pouco acostumados a esse tipo de leitura em casa. Enfrentamos algumas resistências, mas fomos saltitando juntos, aos pouquinhos, por essa *Amarelinha*.

Quais são as personagens principais desse livro? Qual é o enredo? Tem uma moral essa história? São perguntas que eu costumo fazer para eles quando lemos narrativas, como uma forma de saber o que compreenderam da obra. Aqui, tais perguntas não servem de nada. Tive que ser muito atenta e pontual no meu papel de mediadora da leitura.

Desde a capa, fomos avançando devagar. Por que será que a palavra *Amarelinha* está escrita toda separada pelas linhas? Será que é só para o título ficar com letras muito grandes? Ler as sílabas separadas é como dar pequenos pulos? Será que alguns pedacinhos da palavra não são também palavras sozinhas? Quantas palavras cabem em *Amarelinha*?

Passeando pelas páginas antes de começar a leitura propriamente dita, reparamos nos desenhos. Eles reconheceram os traços, porque já lemos em casa livros com a mesma ilustradora. Tentaram lembrar de cabeça quais seriam, depois foram procurar nas estantes. Vieram com dois, vimos que um era realmente ilustrado pela Mariana Massarani; o outro não. Então notamos que ilustradores têm traços muito característicos, quase que uma assinatura. Comparando os livros lado a lado, foi fácil perceber quais eram da mesma ilustradora.

Na dedicatória, ressaltéi para eles o nome de Tatiana Belinky, uma autora de livros infantis que já morreu, mas que se mantém presente nas nossas

estantes. E lá foram eles de novo na caça ao livro. Assim, mesmo antes de ler o primeiro poema, já havíamos “perdido” tanto tempo. E também “fui obrigada” a parar outras vezes. Depois de ler “Chorinho no quintal”, por exemplo, fizemos uma pausa para que eles viessem uma foto do que é um bandolim e ouvissem um chorinho.

Oficialmente meus filhos já sabem ler, mas saber ler me parece na verdade um processo que ainda está em andamento – até mesmo para mim. Na escola, as professoras têm cobrado fluência, o que para eles significa um esforço para ler rápido. Porém, para ler *Amarelinha e outros poemas*, eu decretei: “Vamos ler devagar, sem pressão, sem pressa”. Quando tropeçavam em uma palavra, bastava dar risada, voltar para o começo da estrofe e refazer o caminho.

Se tropeço não é erro, tampouco uma interpretação pode ser vista como certa ou errada. “Em Silêncio! Menina sabida pensando”, minha filha disse que a menina cresceu e virou a “senhora” da última estrofe. Para meu filho, desde o começo o poema já falava de uma senhora que mantém o espírito infantil. Para mim, os dois estão certos.

Levamos muito mais tempo do que eu imaginava para ler um livro tão curtinho e sequer sei dizer qual foi a lição que aprendemos. Mas tudo bem, porque valeu cada minuto.



Um pouco sobre o autor

Giba Pedroza é autor e também é um reconhecido contador de histórias e pesquisador de literatura infantil. Faz oficinas para crianças, adultos e educadores, sempre utilizando as histórias para tratar dos valores humanos e sociais. Já atuou como produtor e roteirista de programas para a televisão, sempre destinados ao público infantil. *Amarelinha e outros poemas* é seu primeiro livro pela Editora Moderna.

Leia Mais...

Do mesmo autor

- ✦ *Alecrim dourado e outros cheirinhos de amor*, de Giba Pedroza. São Paulo: Cortez.

Do mesmo gênero ou assunto

- ✦ *O menino poeta*, de Henriqueta Lisboa. São Paulo: Peirópolis.
- ✦ *Berimbau e outros poemas*, de Manuel Bandeira. São Paulo: Global.
- ✦ *O bicho alfabeto*, de Paulo Leminski. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- ✦ *Poemas para brincar*, de José Paulo Paes. São Paulo: Ática.

